

DO ESTADO DE S. PAULO ECONOMIA

□ DOMINGO, 29 DE OUTUBRO DE 1989 □

□ & NEGÓ

Sarney abre cofres

CIOS □

públicos a amigos

Presidente atende pedidos de verbas e contraria ministros da área econômica

JOÃO BORGES

BRASÍLIA — A convivência do presidente José Sarney com os ministros Mailson da Nóbrega, da Fazenda, e João Batista de Abreu, do Planejamento, passa por seu momento mais tenso e delicado desde janeiro de 1987, quando o Palácio do Planalto resolveu apostar nessa dupla de economistas sem vinculação partidária e vinda da própria máquina do governo para conduzir a política econômica. O presidente, nas últimas semanas, resolveu acolher pessoalmente reivindicações de alguns ministros e impor à área econômica decisões que ameaçam a precária linha de resistência à voracidade de gastos. Uma resistência que tem funcionado como um dos últimos diques a impedir o descontrole total da economia.

Ministros e assessores próximos ao presidente têm obtido largo sucesso no jogo de pressões para que, com exposições de motivos redigidas às pressas, sejam liberados bilhões de cruzados nos últimos dois meses de 1989. Nessa marcha em direção ao cofre do Tesouro, os grandes vitoriosos foram os ministros José Reinaldo Tavares, conterrâneo e amigo pessoal do presidente, e Íris Rezende. Tavares levou, numa canetada, NCz\$ 2,24 bilhões e Íris, NCz\$ 9,5 bilhões.

Os derrotados foram Mailson, João Batista e o general Ivan de Souza Mendes, chefe do SNI, que, além de jogar do lado da austeridade, tem funcionado como um ponto de equilíbrio nesse conflito aberto entre duas facções muito bem definidas dentro do governo: os que querem gastar a qualquer custo e os que acham que o governo deve assumir o ônus de contrariar interesses para não agravar o quadro das finanças públicas.

Que o presidente está descontente com a teimosia de Mailson e João Batista em manter o controle dos gastos é um fato notório.

Mas por que o presidente não substitui a equipe econômica? Na opinião de fonte que assiste de um privilegiado gabinete à evolução do conflito, Sarney sabe que seria uma manobra de alto risco a demissão dos ministros. Ele estaria, nesse caso, assumindo todo o peso dos desdobramentos que poderiam advir do afastamento da equipe econômica.

Mas a mesma pergunta caberia aos ministros: por que eles, obrigados a adotar procedimentos dos quais discordam, não pedem demissão? Eles não querem sere acusados de deixar o barco à deriva na reta final, interpreta a mesma fonte.

Mas eu sinto que o João Batista e o Mailson estão com o cavalo arreado para qualquer eventualidade", conclui a fonte.

□ Mais Informações na Página 6